

17-01-2020

O véio, a galinha e o galinheiro

Sônia Gertner

[Comitê Fiocruz pela Acessibilidade e Inclusão da Pessoa com Deficiência.
Coordenação de Saúde do Trabalhador da Fundação Oswaldo Cruz]

Parece o nome de uma fábula, vá lá que seja - aquele tipo de literatura em que a narrativa é alegórica, em que os personagens são geralmente animais que assumem características como se fossem humanos e ao final sempre culmina com uma máxima, um ensinamento.

Nesses tempos de tanto retrocesso, talvez seja necessário recorreremos a La Fontaine ou Esopo para nos ajudar, lançando mão do sentido figurado, da ironia e da criatividade, para entender esta realidade insuportável. Vamos lá...

O véio era alguém que, contrariando a lei natural, envelheceu, mas não aprendeu; viveu, mas não se humanizou; olhou, mas não enxergou; ouviu, mas não escutou; saçaricou, mas não caminhou pra frente.

Um dia, o véio viralizou toda a sua estupidez; ao atacar aqueles que considerava diferentes dele, e disse:

- Parecem galinhas rodando em círculos!

Referia-se às pessoas cegas que, segundo ele, não precisariam do piso tátil porque não poderiam mesmo irem sozinhas às compras. Nesse momento, o véio se tornou a própria galinha tonta rodando em círculos em sua cafona loja, sem nenhuma elegância, altivez ou visão elevada. Só enxergava os milhos a mais que ansiava ganhar com sua performance grotesca e ridícula. Não é difícil reconhecer a moral da história.

Podemos até escolher dentre algumas inspiradas em fábulas antigas. O leitor escolhe:

- “Nenhum ato de gentileza é coisa vã (Havan).”

- “Belas asas (ou lojas) não fazem belos pássaros.”

- “Por mais elevado que estejais,

não despreze o seu semelhante.”

Mas a história em seu contexto poderia ter outros personagens. Por exemplo: quem mais fazia parte desse galinheiro?

Quem defendia os interesses do bando? Quem dava a esta galinha a chance de ser tão arrogante e desafiadora, inclusive com as leis? Quem sustentava a estrutura ideológica deste galinheiro vil? Enquanto isso, do outro lado do mundo, o proprietário das lojas Havan, empresário Luciano Hang parece que recebeu toda autorização para desrespeitar e debochar das pessoas com deficiência, ao reclamar das exigências de acessibilidade em sua terceira loja na cidade de Chapecó. Além de queixar-se do piso tátil, reclama por ter que disponibilizar cadeira de rodas, da reserva de vagas no estacionamento, assim como da necessidade de oferecer banheiros acessíveis. Diz ter nojo de tudo isso.¹

Um abaixo-assinado com mais de 11.000 assinaturas foi enviado ao Ministério Público de Santa Catarina pedindo o enquadre do empresário nos termos da lei, para que seja punido. Além de ferir a dignidade das pessoas com deficiência, suas atitudes atacam as legislações protetivas, tais como a

Convenção sobre Direitos da Pessoas com Deficiência e a Lei Brasileira de Inclusão. Em nota oficial a Organização Nacional de Cegos do Brasil (ONCB) rebateu as declarações do empresário e diz que ele “esquece que todo local privado de uso coletivo está sujeito a inúmeras regulamentações e que as pessoas com deficiência, segmento composto por 45 milhões de brasileiros, contam com instrumentos como a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), que lhes garantem atendimento acessível e inclusivo em todos os estabelecimentos comerciais”.

A organização ainda coloca que “a fala equivocada do empresário denota falta de conhecimento da legislação, um grande preconceito e uma afronta à dignidade das pessoas com deficiência, aos familiares e a toda a sociedade”. Esta fala não só repercute num determinado nicho, como revela um grupo de empresários que se opõe ao cumprimento das normas de acessibilidade, com o discurso de que são prejudicados pela “burocracia”, e passam a atacar tudo que implique na lembrança de que o espaço que atende ao público não é a extensão de sua casa. No entanto, a história obscura do enriquecimento do bilionário Hang é muito afinada com essa posição, pois defende a privatização de tudo, inclusive da relação com seus trabalhadores com manipulações descaradas, ao mesmo tempo que se beneficia de privilégios junto às instâncias políticas, financeiras e judiciárias.²

A gravidade da situação se evidencia porque o empresário é alguém muito próximo ao Chefe do Executivo, sendo um articulador do Governo Bolsonaro, que não se constringe em continuamente ditar decretos e MPs que vêm destruindo direitos das pessoas com deficiência, seja na reserva de vagas de emprego, seja na reforma educacional que pretende acabar com a escola inclusiva; na retirada da obrigatoriedade das salas de cinema instalarem os equipamentos de acessibilidade; na eliminação dos cargos de revisores de Braille e intérprete de libras, ou na redução de benefícios previdenciários, dentre outras medidas fascistas. Assim, a fábula nos joga na triste realidade em que se encontra nosso país, mas traz também a lição de que vamos sempre buscar as formas de resistir a toda essa mediocridade perversa. E vamos insistir em cantar junto com nosso querido Gonzaguinha...

Ontem um menino que brincava me falou

Hoje é semente do amanhã

Para não ter medo que este tempo vai passar

Não se desespere e nem pare de sonhar

Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs

Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar

Fé na vida, fé no homem, fé no que virá

Nós podemos tudo, nós podemos mais

Vamos lá fazer o que será.³

■■■

Veja os links:

1 - <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/dono-da-havan-critica-aplicacao-de-piso-tatil-para-cegos-em-loja-da-rede/>

2 - <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/10/havan-dono-funcionarios-bolsonaro.html>

3 - <https://youtu.be/pNyo0dNL7so>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.